

Perfil

Luzimar Alvino Sombra
(28/04/1934 - 01/01/2000)

Um mestre em seu saber

No final da década de vinte, quando o Nordeste se ressentia de terrível seca, um casal de agricultores cearenses, Pedro Alvino Sombra e Maria Coelho Sombra, emigrava para a Amazônia, em busca de um futuro melhor. Já começavam a nascer-lhes os filhos, estando Luzimar dentre os primeiros.

Inicialmente, a família localizara-se em Xapuri, no então Território do Acre. Nascido ali, foi Luzimar um dos poucos rebentos que sobreviveram às terríveis endemias regionais, como febre palustre, beribéri, febre amarela e outras. Nascera, ainda, com tendência aos males da visão, arruinando-se esta gradativamente, até que seus últimos resíduos desapareceram.

Devido ao fato de o solo amazônico ficar alagado por sete meses, a moradia da família era construída sobre palafitas. O problema com sua visão não deixava Luzimar exercer funções outras, ficando em casa a zelar pelos irmãos mais novos.

Ao iniciarem-se os anos quarenta, a criação do Território de Porto Velho atraiu Pedro Sombra para uma oportunidade de trabalho na estrada de ferro Madeira-Mamoré, ferrovia que liga Rondônia à Bolívia. Por ocasião da passagem de missões, vislumbrou-se uma possibilidade de cura do menino Luzimar, mediante cirurgia oftalmológica.

Era 1946, contando ele 12 anos, quando, após acidentada viagem em avião da Força Aérea Brasileira (FAB), foi submetido, no Instituto Benjamin Constant, à delicada intervenção cirúrgica, da qual participaram, além de médicos do próprio estabelecimento, outros afamados oftalmologistas. Interno e cercado de todos os cuidados médicos na enfermaria do Instituto, o êxito da operação foi completo, e Luzimar começou a ver o mundo com mais nitidez.

Relataria ele, bem mais tarde: “Comecei a viver vida de moleque, pois tudo o que me ensinavam era fácil de aprender. Em 1948, embora a minha idade, ingressei no curso Supletivo do Instituto, facilmente aprendendo os dois sistemas de escrita e leitura, o sistema comum e o Braille. Com atilamento, anos mais tarde, distingui-me no vestibular, em 1956, quando ingressei na Faculdade de Direito da Universidade do Distrito Federal – UDF.”

Formou-se bacharel pela mesma faculdade, distinguido como primeiro aluno de todo o curso, em 1960.

Ainda nos primeiros anos da década de sessenta, casou-se com a jovem Luci Custódio da Silva, com quem teve um único filho, o futuro Dr. Fábio Custódio Sombra, hoje identificado, em muito, com a personalidade de seu pai.

Exerceu, por algum tempo, a advocacia, tendo seu escritório na Rua da Quitanda, Rio de Janeiro. Inteligente, sua formação foi de grande utilidade para os seus companheiros de magistério e na orientação em geral dos colegas funcionários do IBC, coordenando planos, orientando em requerimentos de direitos adquiridos e tomando a frente nos processos de grande interesse para o Instituto Benjamin Constant.

A partir de 1976, após brilhante prova de acesso, ocupou o cargo de Assistente Jurídico do Ministério da Educação, cujas funções exerceu, também no Instituto, até sua morte.

Conheceu, como ninguém, todos os diplomas legais concernentes às pessoas com deficiências, preocupando-se, especialmente, com sua aplicação à problemática dos deficientes visuais, pelo que até colaborou, decisivamente, para incluir, na Constituição de 1988, itens pertinentes a esta legislação específica.

No Direito amplo, participou Luzimar de inúmeros trabalhos no Ministério da Educação.

Capítulo à parte era seu conhecimento acerca da Educação Especial, tendo feito cursos de especialização e concluído o Mestrado na Área da Deficiência Visual na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, com a dissertação “Educação e Integração Profissional de Pessoas Excepcionais – Análise da Legislação”. Ligadas à sua especialização, foram incontáveis as contribuições em seminários, cursos e centros de estudo, tanto no Brasil, quanto em países estrangeiros.

Em meados de 1998, foi acometido de um acidente cardiovascular, que o reteve no leito por muitas semanas. Mesmo assim, exigiu que o expediente de seu Setor fosse levado à sua residência, a fim de lhe dar o competente despacho. Mais adiante, quando as poucas forças já lhe permitiam, ele comparecia, diariamente, ao Setor Jurídico, desobstruindo os documentos que dele exigiam pareceres. Assim aconteceu, até a véspera do triste desenlace, nas primeiras horas do ano 2000.

Lembrarei, como exemplo de ética, suas preferências, algumas autênticas paixões: o amor à família, o apego às letras do Direito, a dedicação incondicional ao Instituto Benjamin Constant e o forte amor pelo Fluminense Futebol Clube.

por João Delduck Pinto Filho, Assessor da Direção-Geral do Instituto Benjamin Constant